

ADOLESCÊNCIA, DIVERSIDADE E AFETOS: REFLEXÕES A PARTIR DO FILME PELO MALO

Rômulo Lopes da Silva

Mestrando pelo Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia como Profissão e Ciência da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), romulo.lps.silva@gmail.com;

Vera Lucia Trevisan de Souza

Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia como Profissão e Ciência da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), vera.trevisan@uol.com.br;

Resumo

No cenário político atual, a sexualidade se tornou um campo de disputas, sobretudo, por um viés neoliberal e conservador. A escola, espaço privilegiado para o acontecer do desenvolvimento humano, tornou-se alvo dessas incursões, indicando a necessidade de se refletir de modo crítico sobre como esse contexto sociocultural tem afetado o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Neste contexto, buscamos discutir a potencialidade do uso da obra cinematográfica *Pelo Malo* para acessar as vivências de crianças e adolescentes, com identidade de gênero e orientação sexual que escapam à normatividade que regula seus corpos e desejos. Trata-se de um filme produzido no contexto latino-americano no ano de 2013, em que questões relativas à sexualidade são vivenciadas por um menino negro de 9 anos de idade que lida cotidianamente com conflitos relacionais com a sua mãe. Para essa discussão o referencial teórico-metodológico adotado é a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, que compreende o social e a cultura como condição para o desenvolvimento do ser humano. Nessa perspectiva, destacamos o papel dos afetos e da imaginação a partir dos quais é possível compreender a capacidade criadora dos sujeitos, que

negociam com seu contexto possibilidades diversas de ser e existir no mundo. Espera-se com essa discussão ampliar o diálogo sobre a potencialidade da arte na compreensão dos afetos presentes nas relações de adolescentes e das contribuições da Psicologia em diálogo com autores (as) da teoria crítica no campo de estudos de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Adolescência, Arte, Psicologia Histórico-Cultural.

Introdução

Nos últimos anos, as narrativas sobre gênero e da sexualidade assumiram destaque na política brasileira e, concomitantemente, na vida cotidiana de todas as pessoas. Santos (2020) discute que em todas as eleições presidenciais alguns temas são destacadas na cobertura eleitoral, a saber, nas eleições de 2010 e 2018, as disputas relativas a gênero e a sexualidade estiveram presentes nas pautas e debates. Assim sendo, em discursos no plenário da Câmara de Deputados, nas diferentes mídias e nas conversas cotidianas, temas como o aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, o kit anti-homofobia, renomeado pela direita brasileira como “kit gay” e o combate a chamada “ideologia de gênero” foram comumente citados (SANTOS, 2020).

Esse discurso está localizado em estratégias políticas conservadoras, nas quais os temas relacionados questões sexuais, reprodutivas e da família, são assumidas como essenciais para a manutenção das visões tradicionais desses temas e, diante desse cenário, os direitos que vem sendo conquistados pelo movimento feminista e LGBTI+ estão ameaçados (SANTOS, 2020; MATTOS; CAVALHEIRO, 2020). Um olhar atento para esse contexto sócio-histórico, em que emergem mobilizações contrárias às dissidências sexuais e de gênero, notaremos que predomina, conforme apresenta Mattos e Cavalheiro (2020, p. 4) a narrativa sobre a infância, na qual relega “as crianças à proteção familiar em uma promoção do pânico moral e de sua vulnerabilidade frente aos debates de gênero e de sexualidade nas escolas e na cultura de maneira geral”.

Portanto, diante desse cenário lidamos com a urgência de inserir nessas discussões as concepções de infâncias e adolescências que em meio aos embates da onda conversadora política e religiosa que tem ganhado força no país, não mais compreendam as crianças e adolescentes como vulneráveis e sem possibilidades de ação sobre suas vivências cotidianas (MATTOS; CAVALHEIRO, 2020). Sabemos do distanciamento dos saberes da Psicologia nas discussões críticas sobre as diversidades de gênero e da sexualidade, que se consolidou com teorias do desenvolvimento humano que contribuíram com a naturalização dos modos de se constituir como sujeitos, nos quais a identidade de gênero estaria restrita ao sexo biológico – sob a lógica

binária nasce homem ou mulher – e a orientação sexual sempre deveria ser heterossexual – direcionada ao sexo oposto (MATTOS; CIDADE, 2016).

Os movimentos sociais têm tensionado campos de saberes, emergindo novos significados para o posicionamento ético-político nas práticas e produções de conhecimento em psicologia (MATTOS; CIDADE, 2016; GASPODINI; JESUS, 2020). Nos situamos nessa realidade, em que a sexualidade e a diversidade sexual se complexifica ainda mais e torna emergente uma postura metodológica que valorize as vivências de crianças e adolescentes que se desenvolvem nesse cenário, sem deixar de lado a intersecção com Raça, Gênero e Classe.

Neste trabalho partimos das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, desta perspectiva, o desenvolvimento acontece à medida que apropriamos dos instrumentos da cultura e da própria cultura, que possibilita o movimento contínuo de passagem das funções elementares para as funções psicológicas superiores, que constituem a psique humana. As funções psicológicas se organizam em uma dinâmica interfuncional, Pino (2005) destaca que as funções psíquica um dia foi a relação vivida com outras pessoas, isto é, me relaciono comigo tal como as pessoas se relacionaram comigo.

Desse modo, o meio social-cultural, da qual fazem parte as relações sociais diversas, são condição para o devir humano. Cada pessoa na trajetória de seu desenvolvimento se apropria das interações do meio em que está inserido por meio da mediação do outro, isto é, os papéis sociais e os valores se convertem em ações da própria pessoa, favorecendo a constituição da sua singularidade (SOUZA; PETRONI; ANDRADA, 2016; VIGOTSKI, 2014).

No entanto, esse processo não ocorre de modo passivo e submisso às condições externas, mas envolve um posicionamento ativista de cada pessoa sobre o seu meio social-cultural. Sendo assim, entendemos a partir da perspectiva vigotskiana que o desenvolvimento humano é revolucionário, à medida que ele se constitui em interações com o meio, isto é, nas relações com o outro da cultura que provocam situações, diante das quais o sujeito atua de modo criativo e transformador, construindo significações para essa relação e facilitando “abertura a novas possibilidades de ser do sujeito” (SOUZA; ARINELLI, 2019, p. 06).

Desta forma, em um contexto sociocultural de incursões do discurso conservador sobre as vivências de gênero e sexualidades,

propomos contribuições a partir da noção de desenvolvimento da psicologia histórico-cultural, o que implica a compreensão de que crianças e adolescentes que vivenciam questões relativas às dissidências sexuais e de gênero existem e que estão se posicionando de algum modo para que a sua existência, seus afetos e constituam as suas perspectivas de futuro. Contudo, quem escuta essas crianças e adolescentes? Quais afetos tem prevalecidos nas relações sociais desses sujeitos de direitos? Como escutar e valorizar essas vivências?

Essas são algumas questões que orientam as reflexões que propomos neste trabalho, que tem como objetivo discutir a potencialidade do uso da obra cinematográfica “Pelo Malo” para acessar as vivências de crianças e adolescentes, com identidade de gênero e orientação sexual que escapam à normatividade que regula seus corpos e desejos. Desse modo, nos próximos itens apresentamos essa materialidade artística e possíveis leituras da Psicologia Histórico-Cultural e da Psicologia da Arte de Vigotski, na compreensão da potencialidade da arte para fazer emergir e favorecer a expressão de emoções. Sobretudo, a sua potencialidade para quebrar a rigidez que tem sido vivenciado os temas de gênero e sexualidade nas relações sociais de crianças e adolescentes (VIGOTSKI, 2001).

Metodologia

Este trabalho, de natureza teórico-reflexiva, toma por base os pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural e a Psicologia da Arte de Vigotski (SOUZA; PETRONI; ANDRADA, 2016; VIGOTSKI, 2001). Utilizar tais pressupostos para o levantamento e construção de informações contempla o posicionamento ativista que está implicado em toda a teoria vigotskiana, ou seja, não nos colocamos diante da pessoa ou materialidade apenas para contemplá-los passivamente, mas em busca de estabelecer uma relação intersubjetiva (SOUZA, no prelo). Intersubjetividade compreendida como uma relação mútua de compartilhamento de sentidos e significados, os quais possibilitam interpretações de uma dada realidade valorizando o humano, a dialogia e os afetos que nos constituem.

Souza e Arinelli (2019) acentuam a noção de complexidade que compõe os métodos de investigação e compreensão do desenvolvimento humano nessa perspectiva, todavia nos ateremos a uma das proposições de Vigotski, da realização de uma psicologia propriamente

humana. Desse modo, o objeto de investigação na psicologia histórico-cultural é vivência do sujeito e as práticas sociais dos seres humanos, como seres capazes de agir e intervir sobre a realidade e sobre si mesmos.

Aliamos essa compreensão da abordagem do humano na psicologia histórico-cultural com o caráter epistemológico da arte, sobre o qual Vigotski (1925/1999) afirma que “a arte é o social em nós”. Ao tomar o uso de obras de arte no processo de construção do conhecimento científico, visamos assegurar a ação e expressão de sujeitos de modo ativo e colaborativo, alinhado ao compromisso com a justiça social e superação de desigualdades.

Neste trabalho utilizamos o filme “Pelo Malo” (RONDON, 2013) e as questões que suscitam dessa materialidade para as nossas reflexões. Nos interessar discutir a sua potencialidade para acessar o que é propriamente humano, sobretudo, os afetos, nas relações sociais e vivências de crianças e adolescentes, com identidade de gênero e orientação sexual que escapam à normatividade que regula seus corpos e desejos. No próximo tópico, apresentamos essa materialidade artística e breves reflexões articulando conceitos da psicologia histórico-cultural e a teoria crítica.

Resultados e discussão

A obra cinematográfica “Pelo Malo” foi lançada no ano de 2013 na Venezuela, com a direção e roteiro de Mariana Rondón, cuja tradução para o português seria “Cabelo Ruim”. O protagonista da trama é Júnior (interpretado por Samuel Lange), um menino de 9 anos, com a pele negra, baixa estatura, magro e dedicado a alisar o seu cabelo para o anuário da escola. Ele mora com a sua mãe, Marta (interpretada por Samantha Castillo) e o irmão de poucos meses, em um conjunto habitacional localizado em uma região periférica, na cidade de Caracas na Venezuela.

A nossa proposição é oferecer uma narrativa sobre os aspectos significativos dessa materialidade que suscitaram ao estar em contato com o filme. Desse modo, a nossa intencionalidade é utilizar uma obra de arte que toca o tema da sexualidade na infância, embasado na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e das contribuições de estudiosos de gênero e sexualidade.

A respeito da apreciação da obra de arte, Vigotski (1924/2001, p. 342) diz que “uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos”. Portanto, baseados nessas reflexões, perscrutar no mundo de Júnior por meio do seu olhar, facilitado pelo diálogo com essa materialidade artística, torna-se um convite para conhecer a sua realidade em um movimento de desvendar os olhos e, também, possibilita a aproximação com os afetos que emergem na relação entre expectador e a obra, situados como vivência estética.

A aproximação com a realidade vivida cotidianamente por Júnior e a sua mãe pode contrubuir para apreender o sentido sobre o que ele vê. O cotidiano se constitui como o meio imediato que Júnior está inserido, envolto por diferentes relações sociais, oriundas de contextos familiares, da comunidade que vive e a vida escolar, que mesmo distante, afeta sumamente sua conduta, o que pode ser observado pelo seu engajamento em alisar o cabelo para a foto a ser enviada à escola.

Assim como Júnior, fazemos parte desse mesmo cotidiano constituído por processos sociais que à primeira vista são nebulosos e de difícil compreensão e dele não temos escapatória. Podemos aproximar essa percepção sobre a obra, com o modo como ocorre o desenvolvimento humano, tal como proposto pela Psicologia Histórico Cultural de Vigotski, que parte de condições materiais as quais, em um primeiro momento do desenvolvimento, não temos domínio ou escolha, como por exemplo, não podemos escolher a família aonde nascemos, as cargas genéticas, a classe social e outras inúmeras condições sociais e econômicas que ao nascer nos são estranhas (DELARI JUNIOR, 2013).

A respeito disso, em *Pelo Malo* nas idas e vindas de Júnior, em especial, dentro do ônibus, podemos ver com os seus olhos, as desigualdades e a trama política que marcava a Venezuela e vida de Júnior e sua mãe, com grande destaque ao período regido pelo presidente Hugo Chávez, sobre o qual, a cineasta enfatiza o seu tom autoritário e o fracasso na implantação da reforma política com ideais socialistas que teve início no ano 1999 e encerrou em 2013, ano da sua morte. Não aprofundaremos a análise desse contexto político, mas teceremos algumas reflexões sobre como esse contexto de desigualdades sociais eram sentidas nas vivências de Júnior e de sua mãe.

Desse modo, se em um primeiro momento não temos domínio sobre as situações a nossa volta, à medida que vamos sendo

socializados, isto é, inseridos na cultura e nos apropriando dela, por meio das relações sociais, vamos significando os signos e o outro a nossa volta, o que favorece inúmeras possibilidades. O que antes era condição material, na qual estávamos submetidos em uma postura reativa, sem escolha sobre a sua inclusão na nossa trajetória de desenvolvimento, ela passa a fazer parte do que somos e no colaborativo se criam uma luta de motivos e necessidades. Nessa trajetória, os afetos estarão sempre presentes, e em uma perspectiva espinosana, da qual Vigotski se inspira, o filósofo conta que “Por Afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida” (ESPINOSA, 1677/2018, p.237).

Sendo assim, ao olhar para as relações sociais de Júnior, ressalta-se que o modo que ele se expressa, distante da masculinidade hegemônica, como podemos notar na obra, ao dançar, seus movimentos são leves, ele se permiti erguer os braços e sentir de forma singular, o que se difere dos meninos a sua volta que estavam usando passos mais rápidos e agitados. Situação que preocupa a sua mãe, assim como, a sua angústia diante da inquietação de Júnior com o seu cabelo, que tenta diferentes formas de alisamento, com óleo de cozinha e maionese, por exemplo. Serão todas as ações de Júnior que intensificam os questionamentos e olhares da mãe para a sexualidade do filho, que até mesmo recorre à um médico para avaliar se ele seria gay.

Essas experiências, que podemos entendê-las como afecções, podem ser melhor compreendidas ao relacioná-las com as discussões de Butler (2019), que discorre que seguir a matriz de inteligibilidade corresponde ao sistema da heterossexualidade compulsória, que naturaliza o desejo e a prática sexual, como sempre direcionados ao sexo oposto, o que implica corresponder a sua identidade de gênero ao seu sexo biológico. Logo, as atitudes de Júnior que relatamos acima, são consideradas incoerentes, não conformes e subversivas com a normatividade que propõe o gênero inteligível, o que impedem o seu reconhecimento como sujeito, que desvaloriza a sua singularidade, nas relações sociais cotidianas. Nesse percurso que percebemos que a sexualidade está presente no nosso dia a dia, mas, como ele é vista e percebida na infância e adolescência?

Desse modo, nos interessa aprofundar a compreensão sobre como as diversidades de vivenciar o gênero e a sexualidade, nos fazem questionar como se reconhecemos em confronto com as

normalidades postas pelo meio. Não existimos no cotidiano de forma passiva, ainda que as práticas normativas buscam colocar sujeitos no lugar da passividade, defendemos que à medida que cada sujeito se desenvolve, apropriando da cultura, se criam motivos e necessidades, que se confrontam no encontro com o outro das nossas relações (Souza & Arinelli, 2019). A orientação sexual e a identidade de gênero não são substâncias abstratas, mas se constroem com/na cultura, pelo modo como somos afetados pelas relações, nesse sentido, as subversões das normas são criadas das afetações vivenciadas nas relações intersubjetivas.

O caminho até aqui percorrido, do qual temos nos empenhado em “conversar com a arte”, é uma conversa com nossa própria condição humana, que constantemente estamos em relação com outros, sempre em afetação. Existe algo de especial nesse movimento, que trata da mudança que a relação com a arte torna possível, por meio dela compreendemos e vemos a imagem do invisível, para isso lançamos mão a todo momento da imaginação. Pudemos imaginar a realidade vivida por Júnior, em *Pelo Malo*, mas também, esperamos que essa materialidade possa fazer olhar algo na nossa própria realidade que não se revela, mas a arte nos abre um espaço para que possamos entrar e por meio da imaginação, pensar outras experiências.

A imaginação concebida aqui, trata-se de uma função psicológica superior, entendida dessa forma, pois, ela se desenvolve em nós, entrelaçada ao desenvolvimento de outras funções psicológicas, como o pensamento e a linguagem. É ela, a imaginação, que nos possibilita conhecer o mundo e a nós mesmos, sobre isso, Novaes (1990, p.15), diz “o homem, depois de provocar a imaginação, não sabe como se livrar dela, e quanto mais pensa e deseja a partir dela mais alucina”, é por isso, que a imaginação nos leva ao invisível, mas por meio da linguagem podemos conhecer as causas do que pensamos e imaginamos.

A obra *Pelo Malo*, produzida no contexto venezuelano, permite refletir sobre os significados construídos socialmente acerca da rigidez que a sexualidade e a identidade de gênero afetam crianças e adolescentes em contexto de sofrimento ético-político. Além disso, permite intentar análise do drama próprio do desenvolvimento humano, da negociação da criança com os outros de suas relações sociais. Em suma, a materialidade favorece a reflexão da experiência de crianças e adolescentes com vivências de gênero e sexualidade

não normativas e sua constante luta e tensões que constitui sua posição social nas relações intersubjetivas.

Considerações finais

Esperamos com este trabalho abrir espaço para a reflexão de posicionamentos críticos na Psicologia para atuação com crianças e adolescentes que vivenciam sexualidades, identidades e expressões de gênero que escapam da heterossexualidade compulsória. Assim como, resgatar os afetos na discussão de gênero e sexualidade, sobre o qual, defende-se que por meio da arte é possível a expressão de emoções e a criação de situações sociais que favorecem a posição ativa e transformadora desses sujeitos sobre si e em suas relações.

Trata-se de um recorte de uma pesquisa em andamento e que necessita de aprofundamento nas reflexões e construtos teóricos utilizados para a discussão. No entanto, apesar das limitações este se apresenta um caminho, contra-hegêmico na construção de narrativas sobre a infância e adolescência, que resgate a potencialidade de crianças e adolescentes para que possam falar sobre suas vivências relacionadas à sexualidade.

Agradecimentos

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa em desenvolvimento financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

DELARI JUNIOR, A. *Vigotski: consciência, linguagem e subjetividade*. Campinas: Alínea, 2013.

ESPINOSA, B. *Ética*. (M. Chauí e Grupos de Estudos Espinosanos, Ed. & Trad.) (Trabalho original publicado em 1677). São Paulo: Edusp, 2018.

GASPODINI, I. B.; JESUS, J. G. Heterocentrismo e Ciscentrismo: Crenças de Superioridade sobre Orientação Sexual, Sexo e Gênero. *Revista Universo Psi*, 1(2), 33-51, 2020. <https://seer.faccat.br/index.php/psi/article/view/1771/1131>

MATTOS, A. R.; CIDADE, M. L. R. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. *Revista Periódicus*, 5(1), 132-153, 2016. <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17181/11338>

MATTOS, A. R.; CAVALHEIRO, R. da proteção à instrução: mobilizações prático-discursivas em torno da infância nos debates sobre gênero e sexualidade na educação. *childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 16, pp. 01 – 20, 2020. <doi: 10.12957/childphilo.2020.48344>. Acesso em 15 set. 2020.

NOVAES, A. (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PINO, A. *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

RONDON, M. (Diretora). *Pelo Malo* [Filme]. Suduca Films, 2013.

SANTOS, R. M. A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil. *Agenda Política*, 8(1), 50-77, 2020. <<https://doi.org/10.31990/10.31990/agenda.ano.volume.numero>>.

SOUZA, V. L. T., PETRONI, A. P. & ANDRADA, P. C. (Orgs.). *A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

SOUZA, V. L. T.; ARINELLI, G. S. A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. *Revista Obutchénie*, 3(2), 1-22, 2019. <<https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51560>>. Acesso em 10 mai. 2021.

SOUZA, V. L.T. *Art and science advancing human understanding: epistemological and methodological foundations*. 2020. Springer.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1925), 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criatividade na infância*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930), 2014.